

# EUCLIDES NETO O ADVOGADO E O BURRO LADRÃO

<https://issuu.com/euclides-neto/docs/2>

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

O acervo Euclides Neto está sendo incorporado pela **e-book.br**, Editora Universitária do Livro Digital, com o fim de disponibilizar na internet vários textos deste admirável ficcionista baiano, da geração de 45, a mesma de Adonias Filho e de Herber-  
to Salles.

O primeiro, ao lado de Euclides, pertence ao chamado ciclo do cacau, enquanto o segundo instaurou uma nova temática na literatura baiana, com o livro *Cascalho*.

Embora a obra completa de Euclides Neto tenha sido publicada no ano de 2013 pela Edufba, a distribuição por uma editora de pequena circulação impede que o leitor brasileiro tenha acesso a este pouco difundido patrimônio da moderna literatura do nosso país.

O e-poket *O Advogado e o Burro Ladrão* apresenta um dos contos de maior extensão do autor.

O ADVOGADO  
E O BURRO LADRÃO

Copyright 2017 by Obras de Euclides Neto

Composto em Original Garamond corpo 12  
Formato 100 x 160 mm.

Publicado em 2017

Euclides Neto

# O ADVOGADO E O BURRO LADRÃO

Organização, introdução e notas:  
Cid Seixas

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL



Obras de Euclides Neto  
Volume 2

CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Denise Coutinho (UFSB)

Denise Teixeira (LITERA)

Gilca Machado Seidinger (UFSB)

Maria Luíza Nora (UESC)

Vitor Hugo Martins (UNEB)

Endereços deste e-book:

<https://issuu.com/euclides-neto/docs/2>

[www.e-book.uefs.br/euclides\\_neto](http://www.e-book.uefs.br/euclides_neto)

[www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br)

---

# SUMÁRIO

---

Obras do Autor

Pág. 9

Uma Pequena Grande Obra

Pág. 11

O Advogado e o Burro Ladrão

Pág. 17

O que é a e-book.br

Pág. 43



---

## OBRAS DO AUTOR

---

### LIVROS IMPRESSOS

- 1 Berimbau (1946)
- 2 Vida Morta (1947)
- 3 Os Magros (1961)
- 4 O Patrão (1978)
- 5 Comercinho do Poço Fundo (1979)
- 6 Os Genros (1981)
- 7 64: Um Prefeito, a Revolução  
e os Jumentos (1983)
- 8 Machombongo (1986)
- 9 O Menino Traquino (1994)
- 10 A Enxada (1996)

- 11 Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores (1997)
- 12 Trilhas da Reforma Agrária (1999)
- 13 O Tempo é Chegado (2001)

## E-BOOKS

- 14 A última Caçada (2017)
- 15 O Advogado e o Burro Ladrão (2017)
- 16 Cinco histórias da roça (2017)

---

## UMA PEQUENA GRANDE OBRA

---

*Cid Seixas*

Euclides Neto é um escritor nascido no sul da Bahia e pertencente à geração de ficcionistas de 45, com seus tormentos e conquistas do após guerra. No Brasil, essa geração, intrinsecamente complexa, veio amadurecer e ampliar os recursos do Romance de 30 eclodido no nordeste.

No caso das obras escritas por autores da região cacauzeira da Bahia, entre as quais fulguram as criações de Jorge Amado e de Adonias Filho, os romances de Euclides Neto ganham cada vez mais res-

sonância, desde que foram tomados como objetos de estudo em dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Nos anos 90 – já se passaram mais de vinte anos –, um colega de atividades jornalísticas, o escritor Elieser Cesar, procurou-me para ser seu orientador de mestrado em literatura. Respondi que aceitaria, caso se dispusesse a estudar a obra de um escritor então desconhecido para ele, Euclides Neto. Emprestei-lhe os livros que dispunha e Elieser iniciou seu estudo pioneiro.

Bem lembro o quanto fiquei silente e secretamente emocionado quando Elieser Cesar contou-me quando foi ao hospital apresentar o volume da dissertação a Euclides Neto que, assim, ainda em vida, pôde ver os caminhos que se abriam à sua longa vereda ficcional.

Mas isso é apenas o princípio de uma história: aberta a picada, outros pés transformaram o caminho de roça em uma

estrada que leva a um amanhecer com léguas de promessa.

Publicada em edições de pequena circulação, sem ter ainda uma única tiragem por editora de grande porte, essa obra é conhecida e respeitada principalmente na Bahia. Muitos estão convencidos de que bastará uma só edição por um dos principais livreiros do país para que o público culto brasileiro passe a incluir o autor entre os nomes de destaque surgidos nos anos pós-guerra. Embora dez anos mais novo do que Adonias Filho, ambos publicaram seus romances de estreia em 1946.

*Os servos da morte* e *Birimbau* são obras dispare, posto que Adonias já passara por uma frutífera experiência em livros, jornais e revistas enquanto Euclides fazia sua primeira aparição como escritor com os toques sincopados e vacilantes desse romance de um jovem estudante de direito.

Enquanto as narrativas longas constituem o gênero mais constante no universo dos seus treze livros publicados, os contos têm lugar de relevo graças à qualidade da escrita e ao pleno domínio da fabulação. Somente no final do século XX, precisamente em 1999, Euclides Neto reuniu seus contos, com vistas a um volume enfeixando tudo que havia sido produzido no gênero. Nasceu assim o livro constelar *O tempo é chegado*, cuidadosamente lançado pela Editus, de Ilhéus, em 2001.

Estudiosos e teóricos da narrativa são quase unânimes em afirmar o muito de força e densidade exigido para a construção de um conto; enquanto na novela ou no romance o lento transcurso dos acontecimentos, a imitar a impassível passividade do tempo, não exige igual tensão.

O grande Jorge Amado, por exemplo, cuja escrita era solta e ligeira, como as

traquinagens de Exu, só conseguiu o melhor de si no romance, ou na novela de infindáveis peripécias. Foi, assim, autor de apenas um ou dois contos. Contrariamente, Graciliano Ramos, mais chegado ao constante refazer e refinar do texto, mesmo em um “romance” como *Vidas Secas*, construiu uma sequência de contos exemplares, interligados por uma estrutura novelesca.

O Euclides Neto da maturidade, admirador de artesanias refinadas pelo trabalho constante, como as de Graciliano Ramos, no Brasil, ou de Miguel Torga, em Portugal, tornou-se um contista de qualidades admiráveis.

Se na construção dos seus romances, ao longo dos anos, o aprendizado era acrescentado à tessitura da obra, a brusca erupção dos contos resultava da plenitude de recursos. Desse modo, os contos de Euclides Neto só podem ser equiparados aos seus melhores romances.

Esperando permitir a todo e qualquer leitor interessado em um fácil acesso à obra do autor é que foi criada esta série de livros, iniciada com os contos escolhidos para compor *A Última Caçada*, primeiro volume de e-books euclidianos. Já neste segundo livrinho digital, concebido, pelas dimensões reduzidas, para ser lido até mesmo em celulares, escolhemos apenas um conto do autor, *O Advogado e o Burro Ladrão*.

Romanticamente, a conhecida figura do doutor Zequinha é retratada com resíduos do idealismo e da personalidade do próprio autor, que vez por outra transborda na sua escrita ficcional. Observe-se que esse personagem aparece de modo emblemático também em uma das novelas do livro *Os genres*.

Tudo isso urdido com o engenho e a arte de Euclides Neto para maior deleite do leitor.

---

## O ADVOGADO E O BURRO LADRÃO

---

Podia ter evitado o perigo em que se metera. Sozinho em um quarto, num lugar deserto, sem viva alma por perto para acudir. Os passos cautelosos dos pistoleiros em volta. E o medo de ser assassinado ali, como um porco, sabendo que nem socorro poderia esperar. Envergonhava-se consigo mesmo com o pavor que sentia, humilhado e sem condições de resistir.

Tudo começou quando o recém-formado doutor Zequinha foi defender aquele réu. Amigos lhe chamaram a atenção pelas consequências. O interessado na condenação era o homem mais importante da região – quem mais colhia cacau no mundo. Acionista da metade de um banco, com muitos armazéns de compra. Ainda emprestava dinheiro a juros. Até nas questões judiciais era ele quem indicava os advogados às partes. Também escolhia os médicos que iam assistir fazendeiros ricos nas fazendas. Advogado que se indispunha com tanto poderio condenava-se a não pegar causas e ter que sair do lugar. Demanda contra ele nem pensar. Seria uma impostura. Pelo contrário, os bacharéis que defendiam suas eventuais questões ainda sentiam-se honrados, orgulhosos e recompensados pela preferência. Sobretudo porque ficavam sob a proteção de quem mandava em tudo. Jamais chegara à violência de ma-

tar e espancar, ou tomar terras à força. Isso não.

Mas o prefeito, como não podia deixar de ser, era gente sua. Irmão. Com ele, escreveu não leu, o pau comeu. Violento, cercado de capangas. Ele mesmo saía no comércio e cobrava impostos. Se havia alguma resistência, engarguelava o contribuinte, dava duas sacudidelas convincentes, de quem media quase uma braça de altura, e não tinha quem não liquidasse os compromissos para com o erário. Metia os cobres no bolso, comumente mais do que era devido, e avisava que fosse buscar o recibo na Prefeitura naquele ou no outro dia, completando se faltasse. Ou sendo reembolsado se fosse o caso. Gastava tudo no interior no município, com estradas e escolas. Se o dinheiro não dava botava do seu, desviando dos seus haveres de fazendeiro também de cacau, sem jamais procurar receber dos cofres públicos.

Algum advogado de juízo tolo requereu uma ação contra ele. O ilustre causídico quis botar os pés adiante das mãos e até hoje não se sabe por onde anda a sua alma arrependida. Nem notícia, nem mandado. Atraído para uma das fazendas a ver umas benfeitorias do autor na ação, recebeu uma surra tão caprichada que passou a ser conhecido como doutor Moqueca, tal o estado em que ficou. Daí para diante qualquer advogado que se enfeitava para ir contra um dos irmãos Fagundes era alertado para o que acontecera com o doutor Moqueca.

Como o pacato intendente usufruía do cargo e mais do peso das arrobas de cacau do irmão, que sempre o elegeu e nomeou para cargos políticos de destaque, como delegado de polícia, juiz de paz, vereador, presidente do Clube Amigos da Folia e tantos outros não menos honrosos, a brisa da asa de um mosquito não podia raspar o famoso seu Ataulfo.

Parecia até que este, sabendo das providências violentas assumidas pelo mano, mantinha-se na posição de um menino gorduchinho, asinhas brancas e coroa na cabeça, voando entre as nuvens.

Íamos contando que o advogado novato assumiu a defesa de um desafeto, que os Fagundes queriam condenar. Após a decisão dos jurados, verificou-se o dedo do prestígio: o réu apanhou na cernelha trinta anos de cadeia. Reclusão e medida de segurança por cima, para segurá-lo definitivamente no xilindró. E não podia ser de outro jeito: dois advogados locais contratados para acusar, sem falar que o promotor era gente de mesa, garrafa e baralho dos fazendeiros. E os jurados, por coincidência, trabalhavam para o executivo municipal, entre os de mais confiança, pelo sim, não não. Aliás, nem precisava de tanto zelo. Qualquer um, com medo de ser engarguelado, na melhor das hipóteses, ou sofrer perse-

guição nos negócios, preferiria condenar um João-ninguém (até o nome do réu era João) a melindrar a vontade de quem mandava na comarca.

Foi aí que doutor Zequinha começou a desconfiar. Como é que um simples vendedor de horas nas roças tinha todo aquele aparato contra si?

O próprio seu Ataulfo viera do Rio de Janeiro, onde morava com as famílias (sim, tinha mais de uma) para depor e fazer todo aquele reboliço para condenar um simples agregado seu!

Doutor Zequinha leu novamente o processo magro. Três depoimentos de acusação, nenhum da defesa. O defensor nomeado pelo juiz nada requereu nem alegou, muito menos arrolou testemunhas nos prazos. O relatório da autoridade policial encartuchado de adjetivos: “monstruoso crime, o mais bárbaro acontecido até aqui neste pacato município, hediondo homicídio”. O despacho

de pronúncia pior ainda. Ali tinha coisa. Doutor Zequinha releu e tresleu tudo. Vaga lembrança de um caso idêntico, sem ter guardado o nome do réu. A descrição era que trazia circunstâncias diferentes, mas na mesma fazenda, na mesma casa, com um casal de recém-casados, pistola do tomo, hora do almoço. Quando ainda estudante, tinha passado no cartório para ler processos dos presos com os quais conversara na cadeia e dera com aquele. O acusado, após oito dias de ouvir que só a morte os separaria, chamara o irmão mais querido para comer um fresco, espécie de banquete em que o luxo era comer carne de boi fresca, no lugar do habitual fato seco. Ao tirar a pistola do tomo onde normalmente a dependurava, a arma caiu, disparou, atingindo a vítima, que veio a falecer. Assim estava naquele processo, que desapareceu.

O de agora, trazia requintes de perversidade. A vítima tinha ido pedir um prato de comida porque estava com fome, doente, sem trabalho e nem à feira fora para comprar um punhado de farinha. Já estava levando o primeiro bocado à boca, quando o cruel irmão chegou embriagado e cometeu o bárbaro crime, sem dar qualquer possibilidade de defesa ou reação, mesmo porque estava debilitado pela doença, era bem mais franzino e não portava qualquer arma.

A memória de doutor Zequinha juntou os fiapos da coincidência. Aprofundou-se no processo, examinando letra por letra. Procurou o advogado ad hoc que o antecederia e fora nomeado pelo juiz, fez-lhe perguntas. Ouviu que um crime daqueles não podia ter defesa, funcionara proforma, a mando do meritíssimo. Doutor Zequinha voltou à cadeia, conversou de novo com o cliente. O depoimento era o mesmo de como

se lembrava quando lera o processo pela primeira vez. Tinha muita coisa errada ali.

Conferiu os interrogatórios, na polícia e na justiça. Mostrou-os ao réu, que negou, achando aquilo uma perseguição, arrebrandando-se em soluços. O advogado perguntou: – Como não é verdade, se você confessou? – Não disse isso, doutor, é mentira! – Mas está aqui!

Doutor Zequinha levantou mais uma dúvida – o cliente não assinara a confissão, e nem sabia fazê-lo. Mas como desmanchar tudo isso tão bem arranjado? Testemunhas não mais podia arrolar. E mesmo que as levasse para o dia do novo julgamento, elas não teriam coragem de depor. Se conseguisse ouvir a mulher do recém-casado na época do fato, ainda tentaria. Mas ela não fora encontrada em nenhuma parte. Correndo risco de vida, fora à fazenda de seu Ataulfo e lá soubera que ela tinha ido para São Paulo com outro homem, pois que logo caiu na vida.

Chegou o dia do segundo júri. Seria outra derrota. O fórum, improvisado em um armazém de cacau, apinhado de gente. Sobranceiro, em pé, na primeira fila atrás do réu, o prefeito, conferindo a docilidade do seu rebanho. Seu Ataulfo cravava o olhar de ponta de faca nos jurados, advertindo-os. Aquele momento exigia mais do que fazer justiça, impunha-se o respeito à autoridade dos Fagundes.

Para encurtar a história, a acusação veio mais arrasadora que antes. Estavam ali nos autos, a confissão, os depoimentos, o laudo médico, os recursos interpostos e batidos no Tribunal como rola bate o peito na parede e cai morta. A assistência aos ruídos de horror e desejo de ver o monstro novamente condenado. Ninguém esperava que doutor Zequinha apresentasse mais a defesa, porque ele sabia o pau que marinjava.

Com a palavra a defesa pelo tempo de três horas, ouviu-se.

Os anjos tomaram conta do advogado, em parceria com os diabos que moram em todos os livros de Direito Penal.

Questão de vida ou morte. Doutor Zequinha não encontrava saída. Após o primeiro julgamento ficara desmoralizado. O júri era o meio que o recém-formado tinha para tornar-se conhecido e procurado. Trinta anos de cadeia e, em alguns cochichos, já se comentava que o crime não fora tão bárbaro assim. Outras conversas também zabeavam. E como o bobão do doutor Zequinha não descobrira nada antes? Certamente fora comprado, o que nem seria de estranhar naquelas paragens do cacau.

Quando doutor Zequinha pegou no rabo da palavra, Bispo Lopes – um maledicente que se nutria dos podres dos outros – gritou lá do fundo:

– Mostra que você é homem, doutorzinho-terra! O indiscreto saiu aos trompaços nas unhas dos oficiais de justiça. A defesa humilhada começou: “Este rapaz, quase menino, é vítima da prepotência dos poderes econômico e político. Dos que são donos de tudo onde vivem – até do ódio. O processo é uma infâmia que deveria trazer aqui delegado, médico legista, testemunhas, inclusive o mais criminoso de todos, o promotor ali sentado. Possivelmente também os advogados de acusação, não sei se os dois. E o terceiro, presente neste recinto, que, sendo advogado de uma das partes interessadas na condenação, aceitou a defesa de João, e nenhuma medida tomou que o beneficiasse. Até o juiz, que felizmente não é o que preside este tribunal, deveriam todos estar nesse banco do réu, para serem condenados, aí, sim, pelo resto dos tempos.”

Quem assistia estremeceu. O prefeito tomou posição de ataque, coçou a cintura. Seu Ataulfo deu dois passos à frente e o promotor arreganhou o 38 que portava debaixo do braço.

“E não adianta V. Exa., senhor promotor, mostrar suas armas. A questão hoje aqui também é de um modesto advogado que veio para esta terra ganhar a vida e assiste, Meritíssimo Juiz, à maior desfaçatez que se possa perpetrar atrás dos respeitáveis cancelos da Justiça.”

“Esta nojeira, esta cloaca, datíssima vênua, prepare-se V. Exa., meritíssimo, para levar o lenço ao nariz...”

Doutor Zequinha se voltou para os jurados e assistência:

“Levem também o lenço ao nariz os homens de bem, porque vou agora, neste momento, lancetar o tumor.”

O pasmo tomou conta de todos. O juiz se adiantou na cadeira, enfiou os

cotovelos na mesa, pensou em pedir moderação no linguajar, mas preferiu saber mais do que teria acontecido naquele caso.

“Conheci este processo quando aqui estive, ainda como estudante dois anos atrás, faz quatro agora. Interessado em praticar. Só depois do primeiro júri, talvez até mesmo por boa-fé dos inexperientes, pude reconstituir toda a verdade. Naquele primeiro auto constava que o fato se dera de modo acidental, que a vítima fora convidada para um almoço ainda em comemoração do casamento. A pistola caíra do tomo, detonara e, desgraçadamente, atingira o irmão querido. Tudo como acaba de ser declarado pelo réu, com a força da verdade estampada nas suas palavras.”

João, com a cabeça enterrada na cova dos ombros, começou a soluçar como se fosse dar um ataque.

“Agora aparece esta ignomínia. Sou testemunha da mudança do conteúdo do processo, sob a fé do meu grau, Meritíssimo. Digo-o com toda a convicção do meu juramento na Escola, que V. Exa. também prestou e se lembra, enquanto estes acusadores, se o prestaram, não se recordam.” Os apartes virulentos pedindo que mostrasse as provas vieram ferozes. O juiz solicitou mais comedimento nas expressões. Doutor Zequinha via braços levantados e dedos raivosos em sua direção, não somente dos que acusavam, mas de toda assistência. Os irmãos Fagundes aturdidos parece que remoíam os fatos e silenciaram.

“As provas? Eis aqui no corpo de delito que muita gente importante deixou. Sob as suas assinaturas do inquérito e instrução existem, a lápis, depois mal apagados, como todo crime, o nome dos que deveriam apor a rubrica, compondo a farsa. E foram, certamente, os que ora

acusam, um, dois ou todos, sem escapar ninguém, em coautoria, os autores de tamanha iniquidade.”

Choveram apartes, já agora aos berros. Até a assistência se manifestava nos protestos. A campanha da presidência soou nervosa.

“Peço vênica ao Meritíssimo, paciência, para que examine todas as assinaturas.”

Doutor Zequinha aproximou-se do juiz que já acedia com um movimento de cabeça. Após folhear as páginas, e ver em cada peça a prova, o julgador, sem sentir, ele que não podia emitir nenhuma opinião, voltou a balançar a cabeça, confirmando. Os jurados perceberam. A assistência também. O fazendeiro José Hage, de quem se dizia que era mais fácil haver júri sem réu do que sem sua presença, riu-se. Silêncio de pedra. Seu Aaulfo e irmão baixaram a cabeça, quase em confissão, sem entender o que se

passava e já recriminavam os acusadores e perguntavam por que deixaram tantos rastros. Doutor Zequinha se aproxima também dos jurados, mostrando-lhes as provas.

“Tem mais, doutor juiz, as muitas datas que deveriam obedecer à ordem cronológica, no decorrer do processo, a partir da abertura do inquérito, estão trocadas. Onde deveria ser 1949 consta 1951 e vice-versa. Aparentemente nada de importante. Mas é que, quem arquitetou essa coisa, fê-lo em uma assentada e, estando em 1951, tendia a colocar a data do ano em que se encontrava, como é normal em todos nós. Atos processuais, que deveriam ter sido feitos em 1949 estão datados de 1951. E, cúmulo do absurdo, se pudesse eu pronunciar uma palavra mais forte, neste respeitável templo (ainda que uma pilha de sacos de cacau ao fundo cheirasse mais que mirras e incensos), diria que se trata de uma

safadeza de o todo aparelho judicial daquela época.”

Novamente doutor Zequinha foi à mesa da presidência e mostrou as datas mencionadas. O juiz não se controlou: disse um veemente sim que espancou (aqui é jargão) todas as dúvidas, se não em certeza, mas em favor do réu.

“As provas, portanto, estão aqui, comprovadas pela simples palavra do acusado, que negou a versão inescrupulosa criminosamente cravada nos autos (perdão, Excelência, perdão, datíssima vênia, ninguém pode controlar a revolta ante tais absurdos). Querem mais provas? Pretendiam que eu trouxesse testemunhas de defesa, quando nenhuma delas foi mais encontrada e só Deus sabe por onde andam nesse nomadismo dos trabalhadores das roças de cacau, para não dizer outros expedientes usados em nosso meio. E, se encontradas, não temeriam as ameaças, que eu mesmo tenho so-

frido, declaradas ou em disfarce, levando a crer que não sei quanto tempo ainda terei de vida quando deixar esta tribuna?”

A acusação em coro aparteceu, pondo todos os argumentos do doutor Zequinha em perigo. Até o juiz ficou ansioso pela resposta, já torcendo pelo réu. Foi uma intervenção mortal, irrespondível, esmagadora:

– Por que V. Exa. não trouxe a mulher do criminoso para depor? Certamente confirmaria o que disse no imaginário primeiro processo, o que inocentaria o lombrosiano que cinicamente e friamente nos ouve.

Parece que uma luminosidade dos heróis e santos clareou a fisionomia do doutor Zequinha. Todos se balançaram nas cadeiras ou encostados às paredes. Quem estava em pé empurrou o da frente para melhor ouvir. Novas dúvidas voaram quanto à inocência do lombrosiano.

“Melhor seria que a máquina acusatória não trouxesse essa pergunta. Pretendia eu poupar o réu, já tão injustiçado, da vergonha que vai sentir agora. Em respeito às famílias do senhor Ataulfo e do digníssimo prefeito, todos aqui presentes, aos quais peço desculpas por alguma palavra mais dura que tenha proferido, queria poupá-los do opróbrio. Não sei, confesso, o que poderá acontecer comigo depois que lhes responder.”

– Deixe de conversa fiada e responda logo – provocou a acusação. “Não trouxe a mulher do acusado porque ela, com o marido preso e certamente passando fome, procurou trabalho na sede da fazenda do senhor Ataulfo. E foi seduzida pelas promessas do patrão. Tomou-se sua teúda e manteúda. Tem hoje uma filha com ele, de nome Floripes. Mora na cidade de Itabuna, na rua... Por sinal, com muito conforto e assistência do amante, que por lá passa dias. Se duvidam, peço

ao Meritíssimo que todos nós, agora, acusação e defesa, acompanhados por V. Exa. nos dirijamos ao endereço indicado, para comprovar o alegado.”

“Perdoe-me a família do senhor Ataulfo, sua esposa, filhas e noras. A culpa agora já não é minha. Condenem a acusação que deveria ser mais zelosa pela vida privada de Sua Senhoria.”

Foi assim que o réu João foi absolvido, ainda que em decisão apertada: quatro votos a favor e três contra, um pingando depois do outro, como os segundos do suplício, chegando ao empate em determinado momento.

Já se tinha como certa a vingança contra doutor Zequinha. Só esperavam uma oportunidade em que ele se desentendesse com outras pessoas, como todos os advogados se desentendem, para justificar a desforra.

Mas o contado começou com alguém dormindo no cômodo da sua roça. En-

tão voltemos a ele para cerzir a história. Doutor Zequinha, filho, neto, bisneto a perder de vista de lavradores, sempre sonhara possuir um pedaço de chão. Nem precisava de uma fazenda. Logo que pôde adquiriu aquela posse, só uma aberta na mata, e nela fez o quarto com tábuas para dormir quando tivesse folga dos seus trabalhos forenses. Como tinha de viajar duas léguas de onde deixava o jipe surrado, pegava o animal para chegar até lá. Tomava emprestado a um cliente um burro pelo-de-rato chamado Trevo. Naquele dia precaveu-se como pôde, já que as ameaças e o medo cresciam com os boatos e interesse que o povo de Beira Rio precisava para aumentar as emoções do que pudesse vir a acontecer. O primeiro cuidado foi tomar emprestado um revólver. Ao menos, poderia oferecer alguma resistência, se necessário. O caso ainda estava fresco. Da tocaia na trilha que mais parecia um oco dentro da mata

trançada, que começava na divisa de uma das fazendas do seu Ataulfo, nada poderia fazer. Mas seu apego à terra era tão forte que tudo ficava para trás. Naquele dia, ia dizendo, pegou a arma do cunhado (doutor Zequinha já tinha se casado com a funcionária do tabelionato) em cima do guarda-roupa. Enfiou-o na cintura e sentiu-se o guerreiro indo às Termópilas.

Logo chegado à roça, dia de sábado, autorizou a seu único trabalhador, Mané Grande, ir à feira em Ubatã. Ele voltaria na esquina da madrugada. Noite escura feito cortinas de carvão moído. O burro Trevo era ladrão e se dormisse solto não somente voltaria para casa como se regalaria pelas roças que encontrasse. Precisava dormir bem amarrado, corda comprida e longe, em outra clareira, onde havia umas moitas de sempre-verde. Doutor Zequinha se deitou cedo. Ador-meceu. Acordou com passos traiçoeiros

em volta do quarto. Apanhou o 32, saiu da rede, deitou-se no tabuado, lembrando-se das lições aprendidas quando prestara o serviço militar. Nem respirava. Se abrisse a janela, se anteciparia na defesa. Achou melhor permanecer no lastro, oferecendo menor alvo aos pistoleiros. E os passos cada vez mais terríveis. Lembrou-se que só dispunha das balas do tambor da arma. Mesmo assim, a precaução manda que se retire a da agulha para evitar acidentes. Contava com cinco balas. O suficiente para reagir o bastante e, quem sabe, com sortuda pontaria, atingir o oficial de caveira ou oficiais, já que os passos não permitiam distinguir quantos eram. Cautelosamente, abafando qualquer ruído com a mão, abriu o tambor e conferiu angustiada: nem uma bala. O cunhado, por precaução, evitando acidentes com os filhos pequenos, tirara os projéteis. Não conferiu. Descuido inexplicável. Agora era esperar o pior.

Fosse o que Deus mandasse. Nada restava a fazer. Tateou o facão. No desespero não o encontrou. E os passos. Pensou em se meter na pilha de espigas de milho sem debulhar que ocupava a maior parte do quarto. Certamente os pistoleiros ao entrarem vasculhariam tudo. Até fogo poderiam botar, despistando, sem deixar qualquer prova de homicídio. Não adiantava. As palhas secas com o farfalhar denunciariam o seu ardil.

Sentia que mãos enérgicas forçavam as tábuas justapostas, certamente imaginando o que se passava no interior do aposento. Lembrou-se de uma providência, a única: pularia a janela de um golpe e desapareceria na escuridão mais compacta do matagal. Lançava a sua própria sorte.

Foi o que fez. Ainda teve tempo de ver os perigosos agressores: Trevo roeu a corda e, pelo faro, sentira a presença do milho. Daí a insistência com os bei-

ços fortes, forçando as tábuas, para cear naquela hora da noite, truva feito cortinas de carvão moído.

---

## O que é a **e-book.br**

---

A Editora Universitária do Livro Digital, **e-book.br** é um projeto editorial compartilhado por instituições de ensino e pesquisa voltadas para o trabalho de difusão do livro. Conta atualmente com a participação de docentes da UEFS, da UNEB, da UFBA e da UFF, com vistas ao apoio da Biblioteca Nacional.

Os trabalhos publicados pela Editora Universitária do Livro Digital são de acesso gratuito aos leitores.

Concebida pelo CEDAP, Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, com participação de docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana, a Editora Universitária

ria do Livro Digital propõe-se a funcionar de modo integrado, com núcleos ou **unidades editoriais** em instituições de ensino e pesquisa vinculadas ao projeto. Na qualidade de universidade à qual está ligado o proponente da iniciativa, a UEFS sedia a **e-book.br**, em cujo *campus* funciona a sua Coordenação.

Os livros eletrônicos da **e-book.br** são concebidos para comportar tiragens eletrônicas e impressas, como vem ocorrendo com as **Edições Rio do Engenho**.

Visite nossa página:

**[www.e-book.uefs.br](http://www.e-book.uefs.br)**

Os contos dos livros *O Advogado e o Burro Ladrão* e *A última caçada* foram extraídos do livro *O Tempo é Chegado*, reunião da contística completa de Euclides Neto. Somente no ano da sua morte, o autor plajejou a publicação dos seus contos que foi realzada em 2001, após a sua morte.

Outros livros também de contos virão enriquecer esta coleção de *e-books* do acervo do saudoso escritor da região cacauera da Bahia, enquanto se pleneja para breve a publicação da sua *fortuna crítica*, permitindo aos estudiosos uma visão diversificada do legado literário de Euclides Neto.

Em seguida, romances e outros gêneros de obras completarão este projeto de inserção do autor no cotidiano do grande público leitor brasileiro.

# O ADVOGADO E O BURRO LADRÃO

O Acervo Euclides Neto foi criado pela **e-book.br**, Editora Universitária do Livro Digital, com o fim de disponibilizar na internet, de forma gratuita, textos desse admirável ficcionista baiano. Embora a sua obra completa tenha sido publicada no ano de 2013 pela Edufba, a distribuição por uma editora de pequena circulação impede que o leitor brasileiro tenha acesso a esse pouco difundido patrimônio da moderna literatura brasileira.

<https://issuu.com/euclides-neto/docs/2>  
[www.e-book.uefs.br/euclides\\_neto](http://www.e-book.uefs.br/euclides_neto)  
[www.linguagens.ufba.br](http://www.linguagens.ufba.br)

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL